

Mulheres-editoras-independentes e as edições de si ¹

Letícia SANTANA GOMES²

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, MG

RESUMO

Neste artigo, que contempla parte das discussões da tese de Doutorado intitulada “Mulheres-editoras-independentes e as edições de si”, tomamos uma perspectiva discursiva na análise de i) entrevistas semiestruturadas de três mulheres-editoras-independentes: Constanza Brunet (Argentina), Isabelle Pivert (França) e Ivana Jinkings (Brasil) e de ii) três catálogos editoriais das editoras *Marea Editorial* (Argentina), *Éditions du Sextant* (França) e *Boitempo Editorial* (Brasil). Mobilizamos essa discussão a partir da pergunta: o que essas mulheres-editoras-independentes projetam de si, por meio de seus discursos e do catálogo editorial? Acreditamos, *a priori*, que os catálogos são uma das facetas, uma “edição de si”, por meio de um *ethos* institucional e de seus biografemas.

INTRODUÇÃO

A motivação para esta pesquisa, resultado de uma Tese de Doutorado, se deve a uma discrepância que incide ao gênero no cenário editorial, sobretudo pela “falta” de discussões em um cenário que, contraditoriamente, é marcado por mulheres. Prova disso é o estudo realizado pelo pesquisador e historiador Sebastián Rivera Mir (2021), que constata uma produção e presença majoritariamente feminina no mercado editorial. Conforme pesquisa de Ana Elisa Ribeiro (2020), em um dos maiores livros sobre a história editorial do Brasil – *O livro no Brasil* –, de Laurence Hallewell (2005), observando o índice remissivo da obra, a pesquisadora encontrou apenas uma recorrência à palavra “editora” como mulher que edita. Já a palavra “editor” era utilizada de diversas formas. Recentemente, no livro *100 nomes da edição no Brasil*, publicado em 2020,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Produção Editorial do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutora em Estudos de Linguagens (CEFET-MG), Professora substituta do curso de Letras da Unifal-MG, email: leticiasantanag@gmail.com

apenas 23 mulheres editoras foram citadas. É notório a falta de equidade e o caráter de invisibilidade dessas mulheres que editam.

Assim, o desdobramento desta pesquisa vem a partir da pergunta: o que mulheres-editoras-independentes projetam de si a partir das entrevistas semiestruturadas realizadas e do catálogo editorial? Acreditamos, *a priori*, que os catálogos são uma das facetas, uma “edição de si”, por meio de um “*ethos* institucional”, daquilo que as mulheres-editoras-independentes editam de si mesmas. Para isso, selecionamos como *corpus* Constanza Brunet (Argentina), Isabelle Pivert (França) e Ivana Jinkings (Brasil) e de ii) três catálogos editoriais das editoras *Marea Editorial* (Argentina), *Éditions du Sextant* (França) e *Boitempo Editorial* (Brasil).

No movimento de escolha e justificativa para o *corpus* desta pesquisa, perpassado pelo parâmetro de interculturalidade, estabelecemos o critério de serem “mulheres-editoras-independentes”, criadoras de suas próprias casas editoriais e com uma temática política progressista em seus empreendimentos. Nossos *corpora* foram construídos a partir de tentativas de não mais invisibilizar essas mulheres no cenário editorial e nos debruçarmos ainda mais sobre o que elas podem dizer em uma perspectiva discursiva e editorial. Mais além, trouxemos como gesto decolonial ao utilizar entrevistas semiestruturadas, principalmente para se repensar outras demandas em uma perspectiva discursiva, com vistas a abranger seus sujeitos múltiplos e repensar urgências contemporâneas.

Nossa hipótese é a de que o/a editor/a, como uma figura pública que se apresenta como singular no processo de produção editorial, projeta suas facetas, sua identidade, o seu *ethos* discursivo por meio dos catálogos de sua editora, que constrói e emite seus efeitos no mercado de bens simbólicos. Projeta-se, inclusive, nas aparentes incoerências e dissonâncias em torno do projeto, visto que identidades também não são um todo coeso.

Vale ressaltar que, dentre os diversos instrumentos para historiografia da edição, o catálogo, muitas vezes, é pouco debruçado ou, quando o é, dá-se por uma análise descritiva. Garone (2020) reforça o potencial de se utilizar os catálogos como fonte primária, que pode oferecer importantes informações de aspectos materiais e imateriais de uma casa editorial, permitindo levantamentos sobre elementos quantitativos e qualitativos de um determinado selo, por exemplo. Garone (2020) reforça as marcações de tradição e de contemporaneidade visíveis na história de uma casa editorial por meio

dos catálogos, assim como associamos o percurso de crescimento das mulheres-editoras-independentes até os momentos atuais.

Nesses mesmos catálogos, há, de certa forma, uma defesa de seus gostos literários e a busca pela consistência das obras de suas editoras, mas que nem sempre se constata. Assim, em alguns momentos, pode ser projetado como uma viagem de ida e de volta entre as predileções e as vivências dos/as editores/as, mas, em outros momentos, um desalinhamento com as suas vocações e ambições de vida. Tal perspectiva será colocada em xeque ao alinharmos as entrevistas realizadas com as editoras e o que de fato está sendo publicado em suas casas editoriais.

A partir das narrativas de vida, e isso se destaca em nossos *corpora*, o sujeito se reconstrói identitariamente, projeta imagens de si que quer legar e se apresentar à sociedade a partir de um fazer editorial, possibilitando uma diferença (ética, estética) e marcando posições. Dessa forma, nosso questionamento está atrelado em como, nos dizeres dessas mulheres-editoras-independentes, é possível explicitar, por meio de uma lógica discursiva, os biografemas e o fazer editorial entre aspectos da dimensão privada/íntima e público/profissional a partir do exame dos *ethé* (MAINGUENEAU, 2008).

AS IMAGENS DE SI: O *ETHOS*

As questões pontuadas a seguir, sobre *ethos*³, discutidas por nós em outros momentos, são centrais para se pensar as projeções discursivas que tais mulheres-editoras-independentes constroem. A partir da retórica tradicional, o *ethos* seria a forma reveladora que o sujeito incorpora e se revela por meio da enunciação. Nessa perspectiva, nos calcamos em Maingueneau (2008), que nos afirma o *ethos* estar ligado fortemente ao ato de enunciação, existindo antes mesmo que o enunciador fale. Assim, há o *ethos discursivo* e o *ethos pré-discursivo*.

- o *ethos* é uma noção *discursiva*, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala;
- o *ethos* é fundamentalmente um processo *iterativo* de influência sobre o outro;
- é uma noção fundamentalmente *híbrida* (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido

³ Tais questões foram também discutidas no artigo:
<https://periodicos.ufsm.br/gutenberg/article/view/70459>. Acesso em: 16 ago. 2023.

fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica.
(MAINGUENEAU, 2008, p. 17, *destaques do autor*).

Esse conceito sustenta, de certa forma, as projeções das mulheres-editoras-editoras, e complementamos o nosso escopo teórico com a noção também de *ethos* institucional, tendo em vista a inscrição da atividade editorial como instrumento organizacional de mediação entre autores e públicos. Dessa forma, percebemos que as mulheres-editoras, ao se valerem de uma imagem positiva de si, tangenciam o que Ferreira (2010) denominou de “*ethos* institucional”: “[...] sustentado na crença da existência de uma competente responsabilidade profissional e goza de um *status* reconhecido socialmente, que lhe assegura o dizer e reveste esse dizer de credibilidade” (p. 20). Assim, por meio do *ethos* institucional, existe imbuída uma autorização discursiva para o seu dizer, consentida pelos traços de conduta de uma instituição pré-existente.

No discurso dessas mulheres-editoras-independentes, iremos nos deparar com diferentes tipos de narradoras: militantes, irônicas, intelectuais, aquelas que tomam a palavra, ou que se deixam levar pela narrativa. Mas o que mais nos instiga é pensar o ser humano como narrador de si mesmo e, mais do que isso, narrador de outros, marcador de uma época, por deixar algo de si. Nesse sentido, a “edição de si” perpassa uma vida de lembranças trazidas pela linguagem, que se imbricam no que pode ter sido vivido ou não, apenas escutado ou lido, inserindo-as em uma marcação social e histórica de sua época.

OS BIOGRAFEMAS

Utilizamos o conceito de biografemas, que serviu como direcionamento para as análises de nossas entrevistas, como recurso sofisticado ao narrar sobre a própria vida. O neologismo “biografema”, cunhado por Barthes (2005), é sistematizado por Arfuch (2010), ao elencar as partes que compõem geralmente uma entrevista, de maneira que essa configuração está ligada à questão da identidade, não só para demonstrar quem é quem para o entrevistador, mas para se atualizar e se reconhecer.

A partir do que Barthes traça como biografemas, temos:

Se eu fosse escritor, já morto, como gostaria que a minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigo e desenvolto, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: “biografemas”, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicurianos, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão; uma vida esburacada, em suma, como [...] um filme à moda antiga, de que está ausente toda palavra e cuja vaga de imagens [...] é entrecortada, à moda de

soluções salutaras, pelo negro apenas escrito no intertítulo, pela irrupção desenvolta de outro significante. (BARTHES, 2005, p. 17).

Dessa forma, associamos os biografemas – fragmentos dessas narrativas de vida das mulheres-editoras-independentes – ao catálogo de suas casas editoriais, já que, em suas vivências, esses catálogos foram se constituindo subjetivamente, culminando em certas posições políticas. Para isso, relacionamos os biografemas: *a) infância*: alimentado por detalhes ilustrativos e lúdicos; *b) vocação*: imprime a ênfase no trabalho como o verdadeiro motor do devir humano; *c) afetividade*: seria a grande zona de competência da entrevista, a exibição pública da afetividade; *d) política*: relaciona-se com os traços da vida do sujeito, em que o espectro ideológico se refere ao posicionamento do indivíduo a respeito de questões que envolvem o poder, a economia, a cultura e que tensionam suas deliberações e discursos na esfera pública, bem como o seu fazer editorial. Neste artigo, iremos ressaltar, mais adiante, os trechos das entrevistas com as mulheres-editoras em que notamos o biografema política, e assim ilustramos uma das categorias teórico-analíticas dessa edição de si.

AS MULHERES-EDITORAS-INDEPENDENTES

Todas as mulheres-editoras-independentes selecionadas são reconhecidas pela especificidade na produção e difusão literária. Conforme mencionamos, as especificidades⁴ de cada uma das mulheres-editoras-independentes, com temáticas e catálogos consoantes, são o elo pelo qual nós as reunimos para obter um registro de seus discursos, a fim de contribuir para um acervo ainda pouco discutido sobre mulheres que editam.

Isabelle Pivert e a Éditions Du Sextant – França

Isabelle Pivert, francesa, nascida em 1962, teve a sua formação em Economia, na Escola de Altos Estudos Comerciais de Paris. Atuou como conselheira em multinacionais e, mais tarde, envolveu-se em associações, como gerente administrativa. No início dos

⁴ Conforme afirmamos, o recorte desta pesquisa tem os seguintes critérios mencionados: i) mulheres criadoras da própria casa editorial; ii) mentoras do próprio catálogo; iii) com um nicho específico de publicação – política progressista. Nesse recorte, encontramos mulheres-editoras-independentes que, historicamente, são fruto de uma formação letrada/escolarizada, pertencentes a classes de médio a alto porte e poder aquisitivo, que se autointitulam brancas e cisgêneras. Não perderemos de vista, no entanto, o caráter antirracista e crítico que pautaremos o nosso olhar, sabendo que esse espaço editorial deve e está ocupado por mulheres em sua pluralidade.

anos 1990, ingressou em ações humanitárias, como o *Médico Sem Fronteiras* (MSF), passou um tempo na Romênia e decidiu, no fim dos anos 1990, ter sua própria casa editorial, voltada para publicações que relacionam Economia e Humanidades, por meio de críticas sociais. Desde muito nova, reconhece o caráter passional que a movia pela leitura e pelos livros. Além de mulher-editora-independente, é também escritora, tendo publicado em sua própria casa editorial livros de impacto, como *Plan social*; *Soleil capitaliste*; *La création de valeur pour l'actionnaire ou la destruction de l'idée démocratique*; *La conquête du pain* ; e *L'entraide, un facteur de l'évolution*.

A criação da *Éditions du Sextant* está em associação ao instrumento sextante, utilizado para medir a altura angular do Sol acima do horizonte, como um mecanismo para se situar no planeta Terra, e a *Éditions du Sextant* seria a metáfora desse mecanismo. A casa editorial seria ainda esse conhecimento a mais sobre o mundo, materializado em publicações que possam fazer entendê-lo, situando-o e traçando novos e próprios caminhos e outras alternativas para se pensar. Devido à vivência de Isabelle Pivert em territórios de conflito, em ações humanitárias e como consultora em multinacionais, no fim dos anos 1990, após estudar edição e trabalhar em algumas casas editoriais, decidiu abrir a *du Sextant* como alternativa às Ciências Sociais, com o olhar contestatório sobre os sistemas econômicos vigentes.

No catálogo atual da *Éditions du Sextant* constam obras da criadora e também escritora Isabelle Pivert, todas com a temática que rebatem o sistema econômico vigente, ou mesmo livros para entender o mundo, tal como se refere e justifica o sextante, que nomeia a editora.

Segundo consta no próprio *site*⁵ da casa editorial, as coleções são as seguintes: *Decodificadora*: crítica econômica, social e política; *Acervo geográfico*: interações entre seres humanos e espaço físico; *Resistência*: histórias, depoimentos de ex-combatentes da resistência da Segunda Guerra Mundial em formato de semibolso; *Fora da estrada*: descobrindo autores/as novos/as ou pouco conhecidos/as na França (ensaios, ficção, poesia, traduções etc.); *Os indestrutíveis*: pequenos textos dos grandes debates de ideias do século XIX; *Histórias*: depoimentos sobre questões sociais; *Roda de bicicleta*: escritos de artistas contemporâneos; *Memórias*: autobiografias de figuras políticas do século XIX,

⁵ Disponível em: <https://bit.ly/3hMNTYF>. Acesso em: 16 ago. 2023.

notadamente anarquistas. A seguir, passaremos na descrição da editora em contexto argentino.

Constanza Brunet e a Marea Editorial – Argentina

A mulher-editora-independente argentina selecionada para esta pesquisa foi Constanza Brunet, da *Marea Editorial*, que tem em seu discurso uma vertente fortemente atrelada às ideias marxistas e leninistas, de apoio a movimentos sociais feministas e LGBTQIA+, que são ressaltados no catálogo de sua editora. Com formação em Jornalismo e Ciências Políticas, a argentina Constanza Brunet sempre se dedicou ao jornalismo gráfico e, antes de criar a sua própria casa editorial, começou a trabalhar com edição de livros. Deslumbrada com o ofício, criou a *Marea Editorial*, em 2003, estreando com publicação de jornalistas argentinos de prestígio, livros de não ficção e ensaios. Posteriormente recebeu prêmios de colegas livreiros que apreciam as obras de sua casa editorial. Afirma que é um trabalho bastante solitário, pequeno e de um lugar muito artesanal, no qual se destacam a qualidade das edições, o compromisso ideológico e os valores com os temas da realidade, dos direitos humanos e da democracia.

Pela sua formação diversa, com distintos estudos, Constanza Brunet tem em sua casa editorial uma linha editorial que reflete essa diversidade. Ela se distingue de outras pequenas casas editoriais independentes, pois não começou a publicar textos literários, poesia, o que normalmente essas editoras costumam se dedicar, ou seja, com livros de maior impacto. Brunet buscou, desde o início, publicar livros sobre Jornalismo, que eram praticamente inexistentes, à época.

A jornalista, cientista política e mulher-editora-independente entendeu que havia um nicho de mercado a se debruçar no início dos anos 2000 na Argentina: o livro jornalístico, não o de autoimpacto, não o livro do momento, mas um livro mais durável, que tomam o Jornalismo como parte da cultura. Portanto, foi pensada uma linha editorial com muitas ideias, atreladas aos direitos humanos, aos direitos das “minorias”. Há quase quinze anos de fundação da *Marea Editorial*, Constanza já se inscrevia no feminismo, mas não tinha o fervor e o protagonismo (ou a consciência política) como agora, mas ressalta que, em sua segunda publicação, o tema foi o de gênero, com o título *La historia de la sexualidad en Argentina*. Na época, com bastante resistência da sociedade, o tema já era de relevância para a casa editorial, e havia pouco material no momento sobre a temática

O catálogo da *Marea* está formado por cinco coleções que abordam gêneros de investigação jornalística, relato histórico, ensaio, narrativa e crônica. A maioria dos seus autores/as é de jornalistas ou pesquisadores argentinos. Curiosamente e em consonância ao que já constatamos em nossa revisão de literatura, Buenos Aires tem grande parte de suas casas editoriais gerenciadas por mulheres⁶. Assim, Constanza se uniu a outras mulheres-editoras para que, juntas, pudessem ir a feiras e contribuir com a distribuição de livros em outros países. A *Marea Editorial* também atende às publicações que abordam fatos históricos, sobretudo da história da Argentina, e temas que se relacionam a um posicionamento de esquerda. Por isso, os livros não ficcionais são os que mais vendem, segundo Brunet. Esse fato a surpreendeu, já que ainda não tinha um parâmetro sobre as vendas desse nicho de mercado jornalístico.

Ivana Jinkings e a Boitempo Editorial – Brasil

Filha de um militante comunista, Raimundo Jinkings, Ivana costuma dizer que praticamente nasceu dentro de uma livraria, já que seu pai teve um papel de resistência em Belém, no Pará, ao criar uma livraria (dentro da própria casa) e disseminar livros entre a população. Raimundo fundou a *Livraria Jinkings*⁷ em 1965, ao lado da esposa, que era formada em Letras, Isa Tavares, mãe da Ivana. O local logo virou o estabelecimento principal de muitos filósofos e estudantes. Nessa época, Raimundo Jinkings chegou a ser preso várias vezes, tendo ainda alguns livros apreendidos, mas não deixou a função de livreiro de lado. Mais tarde, uniu-se ao amigo Carlos Augusto da Silva e fundou uma editora marxista, a *Boitempo*.

Essa primeira *Boitempo*, no entanto, não foi a mesma criada pela filha Ivana, que seguiu outros rumos. Ivana teve sua formação acadêmica em Biologia, na Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém. Logo depois, mudou-se para São Paulo com a pretensão de trabalhar com genética, área de seu maior interesse – até então. No entanto, os caminhos a levaram a trabalhar em uma casa editorial quando chegou a São Paulo. Mais tarde, com alguma experiência jornalística, fundou sua própria casa editorial, a *Boitempo*, nome dado em homenagem ao pai, que havia escolhido tal nome em referência a um poema de Drummond. Jinkings é atuante no mercado editorial independente, tendo

⁶ *Editoras de libros: un terreno donde ellas son más y están dejando huella*. Disponível em: <https://bit.ly/3TEFbJb>. Acesso em: 15 ago. 2023.

⁷ Disponível em: <https://bit.ly/3hNwPSn>. Acesso em: 15 ago. 2023.

sido uma das criadoras da Libre, Liga da qual não participa atualmente porque, segundo ela, a entidade não cumpria o papel de instituição em sentido coletivo, mas apenas burocrático.

A *Boitempo* da Ivana Jinkings foi fundada em 1995, época em que muitos diziam para que ela desistisse da empreitada, focando na instabilidade do campo editorial já naquela época. Mas sua vontade de ter a própria casa editorial falava mais alto. A primeira publicação foi um texto inédito de Stendhal sobre Napoleão. A ideia inicial da casa editorial era disponibilizar ao público obras importantes que não haviam sido publicadas em Língua Portuguesa⁸. Ivana tinha pensado em abrir uma livraria, mas não tinha capital suficiente. A casa editorial, segundo ela, teria um custo muito mais baixo, e foi assim que abriu a sua *Boitempo*: com um computador, uma salinha emprestada de uma amiga e um telefone. Também fez uso do Fundo de Garantia e algum dinheiro proveniente da família para abrir a casa editorial.

No início, sabia o que queria publicar, mas a ideia inicial foi se modificando. De início, começou a publicar livros raros, cartas inéditas de Mário de Andrade, contos inéditos do Machado de Assis, um catálogo voltado para a literatura e com publicações raras, como um “garimpo”, resgatando obras perdidas em outros catálogos. No entanto, a publicação que deu uma ruptura em sua casa editorial foi o livro com base na dissertação de sua irmã, Nise Jinkings, na área de Ciências Sociais: *O mister de fazer dinheiro: automatização e subjetividade no trabalho bancário*. Tal livro, por sua vez, acabou sendo procurado por um sociólogo da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que coordenava um projeto denominado *Mundo do trabalho*. A partir daí, houve uma inclinação que foi se dirigindo a uma linha política. Em 1998, publicou uma edição do *Manifesto comunista*, bem conceituada pela crítica, e um divisor de águas para a casa editorial. À época, Marx estava mais fora da universidade, e essa edição deu início ao perfil da casa editorial, ao lado da coleção primordial o *Mundo do trabalho*.

Além das publicações marcadas nas Ciências Humanas e Sociais, há uma tendência no catálogo da *Boitempo* em se publicar literatura realista, romances, mas que não perdem de vista a linha editorial pelo qual trabalha, com um panorama sobre uma época ou aspectos da realidade social e humana. Depois da obra de Marx, publicada em

⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3tBbSwD>. Acesso em: 16 ago. 2023.

1998, houve uma ruptura com aquelas ideias iniciais, e a casa editorial passou a publicar pensamentos de esquerda mundial e brasileira.

A linha editorial da *Boitempo*, desde o início, perpassa pela literatura de resgate, com clássicos russos e franceses; mas, para a própria sobrevivência, a coleção *Sociologia do trabalho* foi primordial para manter a editora “em pé” até os dias atuais. Em mais de 20 anos de casa editorial, atualmente, o catálogo conta com oito coleções: *Mundo do trabalho*, *Marx e Engels*, *Tinta vermelha*, *Estado de sítio*, *Biblioteca Lukács*, *Arsenal Lênin marxismo e Literatura e Pauliceia*. Também constam no catálogo as publicações *Destaques*, que contemplam autores/as como Angela Davis, Maria Rita Kehl e Karl Marx. No catálogo atual, há as seguintes subdivisões: *Clássicos Boitempo*, *Ficção*, *Biografias*, *Feminismos*, *Direito e marxismo*, *Margem esquerda*, *Boitatá* (selo infantil), *Barricada* (selo de quadrinhos).

Destacamos a coleção *Mundo do trabalho*, sobre sociologia do trabalho; o primeiro volume da coleção *Marx e Engels*, *Manifesto comunista*; e, principalmente, a obra *Para além do capital*, de István Mészáros, que, de certa forma, ajudaram a definir o perfil da editora. Dessa forma, no fim da década de 1990 e início dos anos 2000, a *Boitempo* foi se firmando como referência na área, sobretudo nos livros de Ciências Humanas. Percebe-se, portanto, um nicho latente, e Ivana Jinkings atenta às urgências teóricas.

AS ENTREVISTAS COM AS MULHERES-EDITORAS-INDEPENDENTES

Conforme afirmamos anteriormente, fizemos entrevistas semiestruturadas com cada uma das mulheres-editoras-independentes, de forma presencial, com cerca de aproximadamente duas horas de cada relato. Para apresentação neste artigo, selecionamos a mesma pergunta para as três: é possível viver como editora de livros em seus países de origem? Ressaltamos que, nesse trecho da entrevista, separados metodologicamente pelo critério do biografema política, vinculamos esse espectro ideológico ao posicionamento das mulheres-editoras-independentes que envolvem o seu fazer editorial.

No caso de Isabelle Pivert, da França, a resposta foi a seguinte:

Na França, não é fácil ganhar a vida como editora, muitas editoras têm outras atividades, por exemplo, podem ser revisores/as, podem ser tradutores/as para outras editoras. E porque leva muito tempo, publicar é muito demorado, mas sim, sim, você pode tentar, o mais difícil é realmente ganhar a vida com isso, porque você sabe que um dia você pode muito bem fazer um livro que funciona muito bem, e depois tudo está bem, e depois, outras vezes... É preciso ser astuto, reduzir o número de publicações para não perder muito dinheiro enquanto isso, mas é... é uma paixão, o essencial, digo para uma editora é, é

para durar, é para estar lá em 20 anos, que a empresa ainda existe. Agora, sim, eu posso, é perfeitamente compatível com o papel de mãe. Portanto, sim, mesmo que isso demore muito tempo. Agora eu cresci, eles são estudantes...

Pivert expõe o contexto sociológico de se viver como mulher-editora independente na França, sobretudo em Paris, local em que reside e que há outras inúmeras casas editoriais independentes. Há uma descrição de atividade correlata ao trabalho de editor/a, assumindo outras funções para o próprio sustento. O campo semântico utilizado remete à dificuldade, demora, a negação de que é fácil, e que o/a editor/a deve ser astuto, ter um cuidado para não perder dinheiro. Há um não dito, captado pelas reticências no trecho: “depois tudo está bem, e depois, outras vezes...”, mas que damos significação, já que há uma marca do silêncio transposta na dificuldade em se trabalhar e sobreviver como pequena editora independente, mesmo inserida em um contexto europeu. Pivert confessa sua paixão como essencial ao ofício. Também tem o papel social de mãe, e afirma ser possível conciliar essa posição. No entanto, percebemos uma projeção de resistência, sobretudo ao enfatizar os 20 anos de existência da casa editorial, conciliando paixão para fazer “durar”, para permanecer em atividade.

Ao fazermos essa mesma pergunta para Constanza Brunet, da Argentina, a resposta é semelhante:

Bem... é muito difícil... não... essa é a realidade. É muito difícil... editores... em geral... muitas vezes acabamos gastando muito mais dinheiro do que você sai. Se você tiver sorte, pode continuar mais ou menos jogando a roda e... é muito difícil... exceto, como eu disse, uma editora que é exclusivamente um catálogo comercial, cultural... mas... é assim em todo o mundo. Não acho que seja só na Argentina. Penso que em outros países é claramente subsidiado pelo Estado, porque se entende que a bibliodiversidade e a existência da bibliodiversidade, ou seja, a diversidade de idéias é algo que o Estado deve garantir. Aqui há muita gente "ajudando" o Estado a garantir algo. Então... é como uma atividade que deve ser incentivada pelo Estado e justamente porque tem essa condição... que... não respondemos à demanda, não respondemos à demanda, investimos em marketing, sabemos que as pessoas querem livros de auto-ajuda e nós fazemos isso, todos fazem isso porque isso lhes dá dinheiro... seria realmente uma proposta muito pobre... então, necessariamente, tem... como é... essa limitação econômica... uma editora independente que vai ser cultural... como essa...

Constanza responde com o advérbio de intensidade: muito difícil. Descreve que já investiu muito mais que recebeu, colocando-se em um lugar e um posicionamento de independente. Em relação a outros casos, como nos grandes grupos, ela não se refere dessa forma. Brunet diz ainda de uma questão importante do ponto de vista político, que o Estado deveria garantir essa bibliodiversidade. Postura pela qual Isabelle Pivert, da

França, também sustenta, mas não é o posicionamento de Ivana Jinkings, no Brasil, por exemplo; para esta, ser independente é se desvincular do Estado. Portanto, há aqui visões e projeções distintas do independente, mas ambas estão nessa projeção ethótica, bem como suas casas editoriais. Há uma descrição e uma voz de protesto, no caso de Contanza, de que se deveria investir mais, apostar na cultura.

Por fim, com a brasileira Ivana Jinkings, a resposta foi outra:

Olha, é super possível, né... eu sempre conto que quando eu resolvi abrir a editora, eu fui fazer... várias conversas, assim, com várias pessoas, fui com... um cara da Ática que eu conhecia, outras pessoas que... de outras editoras, gente que trabalhava, que já trabalhou, fiz várias conversas e assim... foi incrível, assim, porque não foi uma coisa mais ou menos, todo mundo foi unânime em dizer: putz, não faça isso, vai fazer outra coisa, editora não dá certo, imagina... abrir uma editora hoje em dia... que é algo que eu não faço nunca, muita gente às vezes me consulta, sabe... porque eu acho que é isso, sabe, pode dar certo como pode não dar, claro. Mas não diga pra alguém que tá com o plano na vida: não faça isso, é realidade, né... as editoras hoje precisam ter canais de venda porque eles se estreitaram muito... mas eu vivo há muitos anos, inteiramente, da *Boitempo*. No começo eu tinha uma reserva, um pouco, fundo de garantia, meu pai me ajudou muito no começo, eu lembro que as primeiras despesas com livro ele me ajudou a pagar, e no começo eu fazia, ainda, fazia freelas, assim... vivia um pouco da *Boitempo*, um pouco desses freelas, mas já há muitos anos eu vivo, né, muito tranquilamente na *Boitempo*... e a gente tem, né, todas as pessoas que trabalham uma bobagem. Hoje em dia a gente vive uma realidade muito pior do que naquela época, né, porque agora sim existe muito mais editoras no Brasil do que livrarias, então... a venda dos livros se tornou mais difícil mesmo, essa é uma na *Boitempo*, exceto quem não é funcionário, vive da *Boitempo*, não tem outros trabalhos...

Apesar de um imaginário de desafio, de dificuldade, de empecilhos no senso comum e por parte de quem Ivana conversava antes de abrir a casa editorial, a unanimidade discursiva era “putz, não faça isso”, no sentido de não começar no ramo editorial. No entanto, ela fala justamente o contrário. Nesse aspecto, há um contradiscurso, já que ela afirma sem titubear como “é super possível”, com entusiasmo e efusão, adentrar o campo editorial. Ivana elenca uma série de vozes que incentivaram o oposto: “editora não dá”; “não faça nunca”. Mas ela aposta no risco e expõe a sua condição financeira e social permitida pela *Boitempo*: “eu vivo há muitos anos, inteiramente, da *Boitempo*”.

Tendo em vista a nossa pesquisa de caráter interdisciplinar, é importante também entender o contexto sociológico que a casa editorial vive. Assim, o capital simbólico e econômico quando diz que tinha “uma reserva”, “fundo de garantia”, “meu pai me ajudou”, permite-nos entender a dinâmica e o fazer editorial ao longo dos anos. No início da *Boitempo*, Ivana prestava serviços como *freelancer*, o que inúmeros “trabalhadores do

livro” fazem atualmente para sustentar, muitas vezes, essas pequenas casas editoriais. Aos poucos, os desafios aumentaram, mas existe uma ancoragem e um catálogo já fortalecidos, o que garante um fluxo de leitores e de vendas.

AS EDIÇÕES DE SI

Nessa tentativa de marcar uma posição nesse mercado de bens simbólicos, há uma ideia geral que perpassa essas mulheres-editoras-independentes, no sentido de trazer livros direcionados e especializados. Afinal, foi o nicho de mercado encontrado por elas. No entanto, há ações efetivas de publicações com estabelecimento de lançar o olhar para outras demandas da sociedade, muitas vezes silenciadas e esquecidas. De certa forma, podemos apontar que o “fazer editorial” dessas mulheres-editoras-independentes apresentadas caminha em uma projeção, muitas vezes acidentada, que coincide com as predileções e os âmbitos vocacionais por elas apontados, já que em muitas publicações há um efeito visado, mas não previsto.

A essa “edição de si”, por meio de projeções biográficas involuntárias no catálogo das casas editoriais, podemos sugerir que as três mulheres-editoras-independentes são movidas por uma infância de afeto simbólico à leitura e aos livros, em graus maiores ou menores de estímulos, de mulheres com certos privilégios sociais, mormente pelo fato de que, socialmente, são brancas, de classe média, tinham em suas próprias casas bibliotecas à disposição (retratam também o costume de ir a bibliotecas públicas em Buenos Aires e em Paris), e o universo dos livros já começava a ser inserido em seus contextos de vida de alguma forma. A vocação, talvez, seja a projeção menos acidentada dessa “edição de si”, já que, por exemplo, Constanza Brunet, como cientista política e jornalista, incide fortemente nessas publicações. Mesmo em formações acadêmicas distintas, a francesa Isabelle Pivert atua também como escritora e direcionou parte do seu trabalho em finanças às questões editoriais e, depois, academicamente, teve uma formação específica editorial, assim como a brasileira Ivana Jinkings, que teve formação em Biologia, mas foi na *práxis* editorial que se formou mulher-editora-independente. Todas as três com projeções militantes, progressistas, que assumem um discurso político e que contemplam em seus catálogos muito do jornalismo histórico, investigativo e progressista. Aliás, o biografema “política”, a nosso ver, parece ser o que mais se aproxima a uma “edição de si”.

Por isso, utilizamos a “política” como o maior desses biografemas para análise dos catálogos, pois está intrinsecamente ligado às temáticas dessas casas editoriais e

ensionam aspectos ideológicos da esfera pública. Ivana Jinkings, da *Boitempo Editorial*, como testemunha dos principais acontecimentos do Brasil contemporâneo, registrou e editou a luta dos cidadãos e das entidades democráticas contra a censura, dando ênfase aos autores/as internacionais que se debruçam sobre o comunismo e o marxismo.

Por sua vez, Constanza Brunet, que teve formação como cientista política e jornalista, soube reconhecer um nicho de mercado na Argentina, com temáticas de caráter contestativo, com o lema de “livros sobre temas que importam”⁹, relacionados ao compromisso com a realidade, materializando a liberdade de expressão, os direitos humanos, a memória, a justiça, projetando em seus livros uma aposta que tem em sua própria vida: contribuir, de alguma maneira, para um progresso humanitário da sociedade, trazendo um bem-estar privado e público. Prova disso é a coleção *História urgente*, como já mencionamos, que aborda com profundidade a investigação histórica em uma linguagem jornalística, devido à urgência do registro de questões relacionadas a temas pendentes que a sociedade argentina não conseguiu superar. Em algumas dessas obras, a própria Brunet chegou a escrever e acompanhar os/as autores/as no registro desses títulos. Isabelle Pivert, por fim, não se difere da linha política de Ivana e de Constanza, pois consegue abarcar em seu catálogo discussões sobre o caminho político, questões sociais e emergentes da sociedade. Com um talento literário, por também ser escritora, Pivert coloca esses escritos a serviço de uma causa política ou social. Temas silenciados, esquecidos, memória de resgate de uma época e até mesmo autores/as desconhecidos/as ganham espaço em sua casa editorial. Em relação aos gestos e posturas que se assemelham a uma certa decolonialidade, percebemos em Isabelle Pivert, da *Éditions du Sextant*, um caráter de fato mais combativo e efetivo.

Acreditamos que o sintagma “edição de si” acompanha essa incompletude nos diversos sentidos discursivos e, sobretudo, editoriais, já que não há um catálogo pronto, há tentativas de um percurso e de livros a serem feitos, de edições constantes e inacabadas – de si, da casa editorial, de ambas. Nessa “personificação” entre projeções, essa “edição de si” é conceito “guarda-chuva” para ancorar um processo que evidencia uma incompletude do ser e da instituição. Descrever e analisar o catálogo como uma narrativa discursiva é uma das formas de narrar, dessa “edição de si”, como lugar de se fazer significar e de se avaliar. Apesar das contradições, ambiguidades, ambivalências e

⁹ Catálogo impresso da *Marea Editorial*, 2019.

dicotomias pertencentes ao campo editorial, “editar” é ferramenta de resistência, “editar a si”, “editar o mundo” são potências para reexistir. Editar livros, principalmente em uma perspectiva decolonial independente, como um lugar a se chegar, é possibilitar a extensão da memória, da imaginação, é propor a bibliodiversidade a uma sociedade.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Barthes. **Sade, Fourier, Loyola**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

GARONE GRAVIER, Marina. Los catálogos editoriales como fuentes para el estudio de la bibliografía y la historia de la edición. El caso del Fondo de Cultura Económica. **Palabra Clave**, v. 9, n. 2, abr./set. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3hBPdO2>. Acesso em: 10 set. 2020.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-25.

MARQUES NETO, Leonardo. **100 nomes da edição no Brasil**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020.

RIBEIRO, Ana Elisa. Editoriales y editoras en Brasil hoy. Dos casos contemporáneos: chão da feira y relicário. **Lectora**, v. 25, p. 227-240, 2019.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Subnarradas: mulheres que editam**. Copenhague; Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020.

RIVERA MIR, Sebastián. **Edición latinoamericana**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; México, DF: Casa Abierta al Tiempo, 2021.